

Entre o social e o religioso: desafios e perspectivas

Quando se fala da relação entre o social e o religioso uma constatação se impõe: se anteriormente era a religião que influenciava a sociedade, de há umas décadas a esta parte, não só essa influência deixou de se fazer sentir como é a própria sociedade que influencia o religioso de muitas e variadas maneiras. Se no passado a religião impregnava a cultura, de há uns tempos a esta parte tem tido muita dificuldade em dialogar com a cultura moderna e mais ainda com ela se comprometer, ou ter em conta muitos dos seus desafios. Mas não será de costas voltadas que a situação poderá ser a melhor.

No entanto, o que a realidade também revela é que, apesar do recuo, o religioso enquanto tal continua a ser procurado. Só que de maneira bem diferente de um passado ainda recente. Sob muito e variados aspetos se podemos dizer que o religioso tradicional, ou simplesmente institucional, recua grandemente, o religioso enquanto fenómeno sagrado imanente, ou seja, o que brota da sociedade continua a persistir, ainda que não se trate de um fenómeno global. Sob certas dimensões, basta reparar no alcance das peregrinações, muitas vezes organizadas e procuradas de modo individual, familiar ou em grupos de proximidade sem a intervenção tradicional da paróquia ou dos seus movimentos apostólicos. Outro tanto se denota no recurso às promessas aos santos e a Nossa Senhora, na proliferação de várias formas de espiritualidade, nas invocações espontâneas que se fazem a Deus e às forças sagradas e aí por diante. Porém, não se poderá ignorar o facto de, frequentemente, haver nestas formas de religiosidade uma mistura entre o sagrado e o profano, o transcendente e o material como são, por exemplo, a visita aos locais sagrados com objectivos turísticos, festivos e de evasão, podendo, todavia, não evacuar a procura de uma força anímica que possa ajudar a ir em frente.

Assim, se constata que os tradicionais locais votivos e de peregrinação, continuando a atrair muita gente, também contam entre si peregrinos de um género novo: conjuntamente com o religioso misturam-se outros interesses, inclusive de consumo como pode ser verificado ao nível do comércio criado precisamente para o efeito. Por outro lado, a medalha, a cruz, o terço, a imagem, a pagela, a vela, o círio... que se compra também se inscrevem na reactualização à distância destes locais sagrados.

Aliás, o novo vigor que têm vindo a alcançar as festas religiosas tradicionais, quer em honra dos santos, quer de Nossa Senhora sob a égide de várias invocações, está em alta e com grande pujança numa mescla de sagrado e de profano, convocando grande número de pessoas de todas as idades, o que não acontece com as práticas religiosas tradicionalmente estabelecidas. Destas, as gerações mais novas estão cada vez mais ausentes. Quando muito, os mais novos, por iniciativa da família, inscrevem-se nos percursos de formação catequética em vista dos ritos iniciáticos como são as comunhões e o crisma. Também aqui se denota muito frequentemente uma mistura de sagrado e de profano, tendo não só em

conta o brilho que se quer conceder às festas que as envolvem, como alguma busca de afirmação social. São muitas vezes uma boa ocasião de promover as festas sociais, pelo menos entre os mais próximos.

Se porventura em alguns casos possa ser diferente, em termos religiosos propriamente ditos, acontece muito frequentemente que também se trata de etapas que dão por terminada a formação religiosa: os adolescentes até recebem os seus diplomas, mas sem que depois se queiram comprometer com atitudes e práticas consonantes. Neste sentido, consideramos pertinente a seguinte questão: num tempo em que a busca de formação escolar, profissional ou outra se prolongam pela vida fora e a nível religioso tende a quedar-se por estes “diplomas”, não valeria a pena uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto? Entre outros efeitos, importa referir o facto de muitos cristãos, quanto à formação religiosa, se quedarem por uma formação “infantil”, que depois não acompanha outros aprofundamentos que se afiguram necessários, inclusive ao nível da compreensão de muitas mudanças que vão acontecendo a nível religioso, social e cultural.

Quer queiramos quer não uma constatação se impõe: os jovens vivem cada vez mais de costas voltadas para a igreja e a religião, podendo olhar para elas como algo de um percurso infantil proporcionado pela família, mas que agora não lhe oferece nada ou que tem muito pouco a ver com as suas vivências e aspirações. Perante tal situação procuram encontrar respostas noutras vertentes sociais e culturais. Se há umas décadas atrás muitos até voltavam a solicitar os serviços religiosos aquando do casamento, a situação tem vindo a modificar-se. Nesse tempo, mais do que hoje, o casamento religioso também se inscrevia/inscreve numa tradição que levava os filhos a ir de encontro às expectativas dos pais. No mesmo sentido, o casamento religioso oferece mais brilho à festa, como aliás continua a acontecer. No mesmo sentido, como o casamento católico é indissolúvel, pode dar a sensação de afastar os fantasmas do divórcio, o que tem vindo a deixar de se verificar: o casamento recua e de sobremaneira o casamento religioso. Quando muito poderá ser deslocado para idades muito mais tardias.

Em contrapartida, continua a verificar-se grande procura dos serviços religiosos relacionados com o sufrágio das almas e a morte. Grosso modo, a generalidade das pessoas e das suas famílias solicitam à igreja os serviços religiosos próprios destas efemérides. Veja-se, identicamente, como o dia dos fiéis defuntos continua a atrair muito gente para os rituais que lhe são próprios. Podemos aqui levantar a questão de saber como é que numa perspectiva pastoral a Igreja sabe estar atenta a estas realidades e encontrar respostas adequadas.

Não será também este um desafio que, brotando do corpo social, interroga a Igreja e a religião quanto a uma procura de respostas para grandes questões como são a vida, a morte e a maneira como as concebemos e as vivemos? Em sociedades que fazem tudo para escamotear a morte, embora esta seja a certeza das certezas, situações desta natureza podem dar azo a novas perspectivas pastorais com reflexos individuais, familiares e sociais.

Perante estes cenários, podemos hoje continuar a inscrever a relação das pessoas com a igreja e a religião numa tipologia criada apor Gabriel Le Bras (grande pioneiro da sociologia da religião em França, em 1955): *Os devotos, os militantes, os sazonais e os indiferentes*. Os primeiros continuam fiéis a uma devoção que lhe foi transmitida sobretudo pela família, a igreja com as suas várias instâncias e o meio envolvente; os segundos exercem um compromisso de empenhamento no seio da igreja e militam por ele; os terceiros - podendo ser também designados de “cristãos das quatro estações”, ou seja, os que vão à igreja para o baptismo, as comunhões, o casamento e o funeral - apenas frequentam a igreja e solicitam os seus rituais em ocasiões da vida de cariz iniciático; enfim, os últimos colocam-se à margem da religião e da igreja, com não sendo coisa sua ou que lhe interesse. O que se denota é que esta tipologia continua de uma actualidade extrema, verificando-se de sobremaneira o aumento dos sazonais e dos indiferentes, sem que a igreja e a própria família praticante, tenham conseguido inverter esta situação. De resto, alguns dados do recenseamento de 2021 indicam que a adesão religiosa continua a recuar, embora a multiplicação de religiões em Portugal tenho vindo a aumentar enormemente: **ao todo são mais de 800, segundo dados do INE (Instituto Nacional de Estatística)**.

Todas as considerações que possamos fazer a este propósito levam-nos a dizer que se o fenómeno da secularização/laicização das sociedades tem sido progressivo desde o século XIX, nunca como desde a década de 1970 foi tão intenso. Constata-se que vivemos numa ultramodernidade secular governada, em princípio, pela ciência, a tecnologia, a busca de qualidade de vida e de bem-estar material e emocional no imediato. Secularmente, se a busca da felicidade plena foi uma realidade, também era transferida para a vida do além, enquanto de há uns tempos a esta parte quer-se intraterrena e capaz de ser vivida no dia-a-dia.

Paralelamente, tem vindo a intensificar-se o culto do corpo, da forma física, da busca da juventude indefinidamente preservada, da saúde, da realização pessoal, das emoções fortes nas quais se exprime algo das expectativas dos nossos contemporâneos. E para tanto a religião também deverá ter em conta esta situação. Ao nível das emoções, designadamente desde a década de 1970, basta reparar como o fenómeno das novas religiões, muitas vezes mais designadas de “seitas”, mas não só, tem vindo a proliferar e a investir enormemente na dimensão relacional e do interconhecimento. Procuram-se relações próximas e compensadores capazes de fazerem sentir não apenas que é bom viver em conjunto, mas estar em conjunto.

Nessa mesma década, mais concretamente em França em 1972, seguindo uma tendência que já se verificava nos Estados Unidos, foi criado no interior da igreja católica o movimento dos carismáticos. A seguir, em Portugal, vindos também de outros países como a Itália e a Espanha, foi a vez dos focolares e dos catecúmenos, entre outros que investem fortemente nestas dimensões. Procura-se que a religião não seja algo de insensível, mas traga um novo vigor de alma capaz de envolver o

corpo e a mente numa sensação de bem-estar emocional forte e gratificante. Nestas circunstâncias, as relações humanas são muito valorizadas e querem-se próximas, confiantes e satisfatórias.

Tal implica que a religião e no caso a religião católica, sem perder a sua essência no que é fundamental, também seja desafiada a ter em conta estas novas perspectivas acerca do humano e das respectivas relações sociais. Em nosso entender, nada do que interessa e mobiliza os humanos deverá passar ao lado ou mais concretamente ser objecto de indiferentismo da religião. Importa que também se deixe questionar pela própria realidade e não se feche nos seus redutos de segurança, alguns afigurando-se de outros tempos ou desfasados da própria realidade, inclusive da realidade religiosa que se procura.

Relação dos jovens com a igreja e a religião

Se para muitas pessoas, a religião e a sua doutrina têm vindo a tornar-se numa opção entre outras e no seio da mesma entre as várias formas de ser religioso, o caso ainda é mais notório no que se refere aos jovens, como aliás acima já o começámos a abordar. Pode-se ser religioso sem frequentar a igreja e ainda menos seguir à risca as suas orientações. Tanto mais, que nomeadamente nas últimas décadas a religião tem vindo a ser vivida de maneira fragmentada, o que não é menos o caso das gerações jovens ou mesmo maduras designadas de meia idade: aceitam-se e adoptam-se certos elementos e normas, mas relativizam-se e retiram-se outros, inclusive entre os praticantes. O caso da moral sexual e até social em termos da prática da justiça social e humana não é o menos eloquente.

Entre outras vertentes, não se pode, de modo algum, ignorar o facto dos jovens de hoje serem muito mais escolarizados, mais precocemente treinados para o exercício da liberdade, da individualidade e da democraticidade, inclusive familiar e, por conseguinte, mais racionais e mais atentos às grandes questões da sociedade. A questão é tanto mais pertinente quanto se tem em conta as suas preocupações quanto aos estudos, as amizades, o emprego, a saúde, a busca de felicidade, a família futura, quiçá as próprias relações com o sagrado, entre outras. Basta pensar na maneira como se posicionam perante as questões climáticas, a insegurança, a confiança nos outros e no futuro, o sentido que procuram para a vida, para não falar de outras. Em contrapartida, conhecem muito pouco, por exemplo, da doutrina social da igreja. Mas quanto à Igreja gostariam que fosse muito mais aberta quanto às questões que os assolam sob o ponto de vista moral, familiar, dos estudos, cultural e social.

Não obstante, como aliás acontece com outras idades da vida, mostram-se muito mais abertos a outras formas de espiritualidade à margem da religião, sendo de notar as espiritualidades associadas à natureza, as caminhadas e visitas a locais que lhe possam proporcionar alguma forma de reencontro consigo mesmo, inclusive conventos também voltados agora para estas novas formas de acolhimento, as que decorrem de um conjunto de filosofias orientais, algumas envoltas em práticas relacionadas com

o bem-estar do corpo e da mente. Podem juntar-se também aqui as crenças na reencarnação, a consulta do horoscopo, a telepatia, o recurso a promessas e a amuletos e aí por diante. Segundo os dados dos últimos inquéritos aos valores europeus, abona no mesmo sentido a crença na vida do além, mas aqui essencialmente orientada para a ideia do céu em detrimento do inferno e do purgatório. De resto, há aqui uma intrincada relação entre a ideia que é veiculada acerca do céu como lugar da felicidade perfeita e eterna e a busca de felicidade imediata nas sociedades hodiernas.

Ora, daqui surge uma questão importante para a religião: como poderá responder a estes desafios, sem continuar agarrada a um conjunto de normas rígidas, criadas num passado algo devoluto onde até poderiam ter o seu lugar, mas que não se coadunam mais com as novas descobertas que se vão fazendo, inclusive a este respeito, e muito menos com estas buscas de felicidade material, emocional e transcendental?

Um outro elemento fundamental das sociedades do conhecimento quanto aos jovens prende-se com o aumento de instrução de que são possuidores, o que lhe permite olhar diferentemente para as explicações que lhe são oferecidas sobre a vida, a sociedade, a existência, a intervenção divina no humano, o humanismo, os direitos humanos e aí por diante. Mais do que procurar induzir qualquer tomada de posição a este respeito, o que parece plausível, por exemplo, ao nível da formação religiosa, catequética ou outra, é que não se ignore uma tal situação. Fazer tábua rasa sobre esta realidade é correr riscos de fechamento, afastamento e dissonâncias de muitos jovens.

Como já dissemos os jovens de hoje são muito mais racionais e capazes de fazer analogias fundamentadas. Não podemos esquecer que são possuidores de um stock variado de conhecimentos que lhes permite repensar sobre muitas e variadas dimensões da vida e questioná-las, podendo não se coadunarem com certos conteúdos religiosos que lhe são transmitidos. Quando assim é risca-se de se instalar a dúvida, a incerteza, a desconfiança, a relativização, podendo mesmo levar ao abandono, como se tem vindo a verificar. Na religião também se procuram respostas concretas para as realidades da vida e não apenas na relação com o sobrenatural ou muito concretamente ao nível das celebrações litúrgicas e das transmissões. Basta olharmos para os evangelhos para nos darmos conta que Jesus Cristo respondia às questões que mais preocupavam as pessoas do seu tempo, mas não deixando de as implicar nesse processo de mudanças. Em concreto, agia e falava-lhe a partir das suas próprias realidades e muito menos a partir das regras definidas nos preceitos religiosos de então. Neste sentido, importa que se encontram respostas novas para as questões novas que as pessoas se colocam hoje e não ficar agarrada às do passado absolutamente desfasada da realidade vivida e alvitrada nos nossos dias, independentemente da idade e da condição social.

Panorama da religião em Portugal e as questões sociais que suscita

Todas as considerações que temos vindo a desenvolver levam-nos ainda a falar do recuo da prática religiosa. Em Portugal, de 44% em 1977 passa para 19%, em 2011, segundo os dados do respectivo recenseamento, embora 81% dos portugueses se considerem católicos. Só que uma coisa é a identidade social em termos religiosos, outra será a prática efectiva, pelo que se verifica uma grande distância entre uma e outra situação. Resta, ainda, esperar pelos resultados do último recenseamento de 2021. Mas pelo que já se sabe continua a diminuir a adesão das pessoas à religião, pelo menos de modo oficializado.

Se outros estudos realizados indicam que é no Minho e na diocese de Lisboa, mais concretamente na região do Oeste, que a prática religiosa é mais elevada, nem por isso também aqui as igrejas se têm vindo a esvaziar de maneira ainda mais acentuado com o COVID 19. Mais ainda: as gerações jovens estão ausentes, inclusive entre os filhos de famílias praticantes e que fizeram todos os ritos iniciático: baptismo, catequese, comunhões e confirmação. Em tais circunstâncias, o que se pode dizer é que ao nível das famílias praticantes e até da pertença a certos grupos integrados neste ou naquele movimento, teremos irresistivelmente de pensar em “herdeiros sem testamento” em termos religiosos e até de certos sistemas de valores, sem querer dizer que anteriormente tudo era bom. Longe disso. De qualquer modo, o fenómeno das transmissões não tem nos nossos dias a operacionalidade de outros tempos, embora nunca fosse absoluto, dado que de uma geração para a outra há sempre alguma inovação. Porém, em termos religiosos tempos houve em que a situação era mais consistente o que não se tem vindo a verificar.

Sob muito e variadas dimensões, a religião é hoje uma opção entre outras e no seio da mesma entre as várias formas de ser religioso. Pode-se ser religioso sem frequentar a igreja e ainda menos seguir à risca as suas normas. O caso da moral sexual e até social em termos da prática da justiça social e humana não é o menos eloquente. Associado a esta última questão surge identicamente a questão da caridade/solidariedade social, uma dimensão em que se continua a atribuir à igreja e à religião um papel importante. Mas vale a pena insistir no facto da caridade ter de se expressar em prática sociais, como aliás acontece, por exemplo, com a Cáritas. Vale a pena referir a este respeito que as 3 religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo se interessam grandemente por estas questões e todas têm um conjunto de regras de intervenção concreta nesse sentido.

Apesar de já terem sido criadas muitas medidas, visando combater este flagelo social que é a pobreza, entre nós a verdade é que com a pandemia e agora com os efeitos da guerra na Ucrânia, a pobreza não só teima em persistir, como tem vindo a aumentar. Ora, com a pobreza aumenta a marginalidade e até a exclusão social como se tem vindo a constatar, por exemplo, com os sem abrigo, mas também com a delinquência juvenil. Nesta situação, o que não é menos desafiante é que ao mesmo

tempo que tal fenómeno se verifica também aumenta a riqueza na mão de alguns privilegiados, deixando outros à mercê do pão nosso de cada dia. Ora, quem tem que viver apenas com “o pão nosso de cada dia” fica impedido de poder conceber e programar a sua vida e a dos seus de maneira diferente para o dia seguinte. Os pobres nem sequer podem pedir um crédito devido à absoluta falta de condições para o efeito e pela falta de confiança com que são confrontados. Daí a pertinência das questões acerca das desigualdades e injustiças sociais que ao longo dos tempos têm sido forjadas pela própria organização social, o que vai ao arrepio de todos os objectivos, quer políticos e sociais quer religiosos a este respeito.

Tal fenómeno contraria todos os preceitos bíblicos que já no livro de Deuterónimo insistem na prática da justiça social e na incumbência de vir em auxílio dos necessitados, sejam de que ordem forem. No 1º livro do Génesis, quando Deus criou o primeiro par humano colocou-os no jardim do Eden para que todos pudessem usufruir das suas delícias. Ora, no decorrer do tempo quão longe nos temos afastado dessas prerrogativas, o que continua a ser um atentado contra a dignidade humana que toda(o)s merecem ver respeitada. A este propósito o Papa Francisco, um paladino da causa dos pobres, afirma mesmo que os excedentes dos abastados pertencem aos pobres e que esses lhe deveriam pedir perdão pelo que lhe têm infligido. Olhando para a história, a pobreza é uma questão de sociedade que continua tenaz quando afinal se esbanja tanto dinheiro a fabricar armas e a promover a guerra o que seria mais que suficiente para acabar com a pobreza no mundo. Mas não é isso que tem vindo a acontecer.

Daí a necessidade de medidas políticas e sociais, bem como a intervenção de outras instituições, sendo de realçar o papel da Cáritas que tem sido notável desde a sua criação no século XIX até aos nossos dias. Que o digam aqueles que têm beneficiado do seu auxílio, não apenas em termos materiais, mas também em favor da promoção social que tem vindo a conceder a muita gente. Hoje, que se celebra o dia da CARIDADE - a maior de todas as virtudes como afirma S. Paulo na 1ª epístola aos Coríntios - esta efeméride assume ainda outra dimensão na longa caminhada de bem-fazer que a Cáritas tem sabido implementar junto dos necessitados.

Em nosso entender, para além da ajuda, importa trabalhar identicamente no sentido dos pobres poderem ser sujeitos da transformação das suas próprias vidas e da dos seus e com eles poderem ser criadas condições para o efeito. De contrário, a pobreza continuará a ser extremamente reprodutiva e de todos os dias como tem vindo a acontecer. A grande maioria dos pobres continuam pobres toda a vida e os seus descendentes tendem a viver na mesma situação. Os estudos a este respeito indicam que apenas na 4ª ou 5ª geração haverá a probabilidade de os filhos dos pobres poderem sair dessa situação.

Daí o desafio: que condições conceder aos que vivem em tal situação para trabalharem conjuntamente com quem intervém na mudança da sua condição e da dos seus, em vez do risco de se

instalarem em qualquer forma de assistencialismo? Com efeito, na generalidade dos casos os pobres não têm voz nos projectos que outros concebem para si visando vir em seu auxílio. Não é apenas dando coisas, ainda que haja momentos em que são cruciais, que se responde cabalmente às necessidades dos pobres. Também é trabalhando com eles e investindo na mudança de várias estruturas sociais que se pode fazer alguma inversão neste sentido.

Enfim, ao terminar, o que podemos dizer é que o impacto da religião e da igreja católica nas sociedades ultramodernas tem vindo a recuar enormemente, com particular destaque para os jovens. Não estamos mais em tempos em que a religião é fermento na massa, mas tem antes vindo a ser objecto da própria influência do social. Por outro lado, não só têm vindo a surgir outras formas de religioso como a multiplicar-se os olhares sobre o religioso. Aumenta, identicamente, o indiferentismo e o pragmatismo. A adesão à religião tem-se vindo a tornar numa questão individual e objecto de escolha privada, inclusive no seio da mesma família: uns acreditam e são praticantes e outros não, ainda que seja a nível da família que a transmissão religiosa se revela mais consistente.

Se tivermos em conta os principais traços da ultramodernidade em que temos vindo a viver mais intensamente desde a década de 1970, damo-nos conta que fomos passando de uma sociedade industrial para uma sociedade do conhecimento, de maior individualização, uma globalização mais alargada, uma democracia pluralista e reflexiva (ciências sociais) e uma relativização das grandes narrativas, o que muito contribui para forjar outros olhares e outras perspectivas acerca do fenómeno religioso. As religiões têm-se vindo a afigurar escolhas entre outras, mas o seu papel, inclusive sobre o ponto de vista das solidariedades, continua a ser reconhecido no conjunto deste pluralismo em busca de novos sentidos para a existência.

Sobre o ponto de vista do funcionamento institucional procura-se algo mais flexível, mais aberto às escolhas individuais e às identidades privadas como se constata ao nível da família, do trabalho, do político e aí por diante. Um elemento fundamental tem a ver com a racionalização das sociedades e neste contexto o investimento na instrução, tornando-se o factor mais pertinente para explicar as grandes mudanças perante o religioso e o social. A questão é ainda mais premente quando se tem em conta os diferentes tipos de religiosidade e de busca espiritual, questões não menos desafiantes quando se pensa nas questões pastorais, da caridade/solidariedade e de intervenção social.

Caldas da Rainha, 8 de Outubro de 2022

Maria Engrácia Leandro